

2.

Hibridação cultural na favela Rio das Pedras

Neste capítulo procuraremos definir os motivos pelos quais este espaço, outrora periférico, hoje se integra ao tecido urbano, como um *locus* de intercâmbio e trocas culturais. Observa-se, contudo, que, embora tenha sido integrado ao contexto urbano da cidade, os estigmas e as censuras sociais persistem. Para tanto, precisamos entender os conceitos de cultura e de cultura popular, e, apoiados em Canclini⁶, apresentaremos o conceito de hibridação cultural.

Abordaremos os diferentes significados atribuídos ao termo favela, buscando entender como se construiu seu sentido e sua representação. Apresentaremos a favela Rio das Pedras, sua formação a partir da década de 1960, a construção do seu território, em virtude da sua expansão, e suas especificidades socioculturais.

Procuraremos focar o contexto da favela sob uma ótica não dogmática. Salientamos a posição de Valladares⁷ quanto aos dogmas existentes e comumente empregados por pesquisadores. Segundo o autor, eles reforçam o interesse de determinados grupos sociais em manter a imagem da favela como um lugar exótico.

O primeiro refere-se à singularidade e especificidade desse espaço, onde reside uma forte identidade, marcada não apenas pela geografia, mas também pela forma irregular como é ocupado: pela posição de seus moradores em ali permanecer e pelo modo particular e diferenciado do cotidiano. O segundo refere-se à favela como o local da pobreza, o “*território dos pobres*”⁸; e o terceiro afirma a unidade da favela, como se existisse uma característica única, comum a todos os espaços que contenham as mesmas características, não se considerando as particularidades inerentes a cada uma delas.

⁶ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.

⁷ VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.149-150.

⁸ *Ibidem*, p.151.

Ao descrever o contexto sociocultural da favela Rio das Pedras, estabeleceremos relações entre as culturas “carioca” e “nordestina” existentes nesse espaço.

2.1.

Breve definição de cultura

O termo inglês *culture* consiste no conjunto de crenças, arte, lei moral, costumes ou hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade, e engloba, assim, dois conceitos: o germânico *kultur*, que simboliza os aspectos espirituais, e o francês *civilization*, que se refere aos aspectos materiais de um povo.⁹

Willians¹⁰ aponta a dificuldade em conceituar este termo plural que é a cultura devido à sua complexidade. Ele, inicialmente, denominava um processo, como o cultivo de vegetais ou a criação e reprodução de animais. Posteriormente, passou a adotar um sentido ativo da mente humana e, no século XVIII, significava o modo de vida de um determinado povo, sentido amplo, que foi importante para o estudo da antropologia no século XIX. De forma geral, o sentido relacionado ao “cultivo ativo da mente” se desenvolveu, e os significados mais comuns são relacionados ao estado mental desenvolvido, expressos pelos termos “pessoa culta”, pelos processos que proporcionam esse desenvolvimento como as “atividades culturais”, e aos meios pelos quais esses se dão, como “as artes”.

A teoria que define a cultura como um sistema simbólico descarta a ideia do homem ideal do Iluminismo e busca defini-lo com base na definição de cultura. “Os símbolos e os significados são partilhados pelos membros atores (os membros do sistema cultural) entre eles, mas não dentro deles. São públicos e não privados”.¹¹ Compreender a cultura é compreender a natureza humana, já que, para os antropólogos, a segunda não é independente da primeira. “Cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”.¹²

⁹LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.25.

¹⁰WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.10-11.

¹¹GEERTZ, *apud*: LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 62-63.

¹²BENEDICT, *apud*: LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 67.

Lévi-Strauss, em texto introdutório à obra de Marcel Mauss explicava que a formulação psicológica consistia em uma tradução no aspecto individual de uma estrutura sociológica:

É da natureza da sociedade que ela se exprima simbolicamente em seus costumes e em suas instituições; ao contrário, as condutas individuais normais jamais são simbólicas por elas mesmas: elas são os elementos a partir dos quais um sistema simbólico, que só pode ser coletivo, se constrói.¹³

Willians afirma que há uma convergência prática entre os sentidos antropológico e sociológico de cultura entendidos como: [...] “modo de vida global”, de onde depreendemos “sistemas de significações”, que estão diretamente relacionados com toda a atividade social, além do sentido mais comum, que consiste em entendê-la como resultado de “atividades artísticas e intelectuais”, considerando-a não só como as práticas tradicionais, mas todas as “práticas significativas” como a linguagem, o jornalismo, a moda e a publicidade, constituindo, assim, um campo extenso e complexo.¹⁴

Segundo Bourdieu, existem dois modos de ver os sistemas simbólicos; por um lado, a corrente kantiana, que considera a arte, a linguagem, o mito etc. como estruturas estruturadas, isto é, meios de comunicar e transmitir conhecimentos, resultantes de uma forma de acordo quanto ao significado dos signos e do mundo e como resultado do consenso entre as partes. Por outro lado, a corrente marxista considera a cultura como uma estrutura estruturante, um instrumento de legitimação de poder e da ordem vigente. A crítica de Bourdieu, à primeira vista, consiste no fato de ela enfatizar a análise interna dos bens simbólicos e relegar as funções políticas e econômicas. Ele reconhece, entretanto, o estruturalismo como método que propicia entender a lógica “*imanente de um bem simbólico*”.¹⁵

Desse modo, consideramos que, para entender o significado dos produtos desenvolvidos na favela, é necessário conhecer o contexto cultural em que eles foram gerados e entender as redes de relações existentes entre os diferentes agentes envolvidos no campo do design têxtil e de vestuário.

¹³ LÉVI- STRAUSS. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 17.

¹⁴ WILLIANS, 1992, *op.cit.*, p.13.

¹⁵ BOURDIEU, *apud*: MICELI, Sérgio. Introdução: A Força do Sentido. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005, p.XVIII –IX.

A cultura é dinâmica, está sempre em movimento e sujeita a mudanças, sendo que estas podem ser resultantes da dinâmica do próprio sistema cultural ou derivar do contato entre os diversos sistemas culturais. No primeiro caso, elas se dão de forma mais lenta, enquanto, no segundo, estimulam o processo, acelerando-o.

2.2.

Cultura popular

De forma geral, nos meios de comunicação de massa, o termo cultura é constantemente associado ao sentido de um saber erudito, que, em geral, implica ter estudo universitário, ser elegante, ter bom gosto e conhecimento, aspectos que são difundidos entre as camadas sociais pelas instituições tidas como legítimas para a sua transmissão, como as academias e as universidades.

O conceito de *folklore* refere-se à cultura popular tornada norma pela da tradição.¹⁶ Desenvolvido pelo Romantismo, no final do século XVIII, o termo tornou-se um de seus elementos mais importantes, como forma de protesto contra a alienação capitalista que, em busca de uma síntese da personalidade da comunidade, descobriu as canções e a arte do povo e com elas desenvolveu essa concepção de povo como uma essência independente da divisão da sociedade em classes. Existiria, então, uma alma popular, coletivamente criadora, que estabeleceria uma visão da arte do povo como “natural”, o que provaria seu caráter espontâneo.¹⁷

Para a indústria cultural, a noção de “popular” refere-se ao que se pode vender maciçamente, ao que consegue agradar a uma enorme parcela da população, não se interessando pelo aspecto relacionado à tradição. Ao contrário, em virtude da lógica da obsolescência planejada, seja na curta temporalidade dos objetos seja na das produções culturais imateriais, o que é popular, no que se refere ao sucesso, é ao mesmo tempo o fugaz, o que não permanece. Dessa forma, para os meios de comunicação de massa, o que é popular não é característico dos aspectos que o povo tem, mas refere-se ao de que ele gosta, ou ao que lhe é acessível.¹⁸

¹⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2002, p.240.

¹⁷ FISCHER, Ernst. *A necessidade da Arte*. São Paulo: Círculo do Livro. 1959, p.74.

¹⁸ CANCLINI, 2006, *op. cit.* p. 261-262.

Canclini apresenta três usos do popular. O primeiro refere-se ao sentido empregado pelos folcloristas e que o vincula ao tradicional; o segundo, aos meios de comunicação de massa, que consideram o popular relacionado à popularidade; e o terceiro, ao povo, em geral atribuído aos políticos.

As ciências sociais incorporaram os diferentes usos do termo popular, ampliando sua noção para além dos grupos tradicionalmente reconhecidos, facilitando o estudo das práticas populares como as dos trabalhadores subalternos.¹⁹

Os estudos sobre reprodução social permitem entender que a cultura popular “resulta da apropriação desigual dos bens econômicos e simbólicos por parte dos setores subalternos”²⁰, mas podemos considerar que “as culturas populares não são um efeito passivo ou mecânico da reprodução controlada pelos dominadores”.²¹

Reprodutivistas como Bourdieu negam que a cultura popular deva ser entendida como divergência ou diferença, mas a consideram como uma ressonância da cultura dominante, já que entendem a cultura como um capital que pertence à sociedade e que é interiorizado através do *habitus*. A desigualdade com que os bens econômicos e simbólicos são apropriados produz lutas e embates em virtude das diferenças existentes entre as classes. Esse modelo foi desenvolvido com base em um mercado simbólico altamente unificado como o francês, e, em países latino-americanos, onde existe uma pluralidade cultural, a dominação não é tão eficaz; contudo, o reprodutivismo serve para explicar por que, em alguns casos, os comportamentos populares não são de resistência, mas de adaptação ao sistema que os inclui.²²

O popular não tem um único sentido e deve ser entendido como uma noção ambígua e teatral, já que consiste em um todo heterogêneo e não em uma massa social compacta que possui uma única direção. O popular usa as fissuras existentes como possibilidade de manejar, criativamente e em benefício próprio, aquilo que ele não tem como modificar radicalmente.²³

¹⁹ CANCLINI, 2006, *op. cit.*, p. 271-272.

²⁰ *Ibidem*, p. 273.

²¹ *Ibid.*, p. 273.

²² *Ib.*, p. 274.

²³ *Ib.*, p. 280.

2.3.

Intercâmbios culturais – Hibridação

Nas sociedades moderno-contemporâneas, o indivíduo constrói a si e a sua subjetividade com base em “pertencimento e participação em múltiplos mundos sociais e níveis de realidade”.²⁴ Essa participação pode ocorrer por meio do contato com um tipo específico de sociedade, diferenciada, não havendo necessariamente um deslocamento geográfico, mas a participação entre diferentes “subculturas, mundos sociais, tipos de *ethos*” ou mesmo nos diferentes papéis sociais do indivíduo.

Gilberto Velho²⁵ considera que a cultura não exclui as diferenças, mas se alimenta delas, podendo existir diversas formulações simbólicas, diferentes ou múltiplos imaginários dentro do mesmo grupo social. Assim sendo, o que é local torna-se relevante para pensarmos sobre aspectos relacionados à identidade cultural, e não constitui necessariamente um gueto social.

Nesse contato entre os diferentes universos culturais no mesmo grupo social, destacam-se três processos de intersecção: os cruzamentos dos diversos modos de culturas, a produção de sincretismos pelas culturas locais e a maior ou menor transformação dos indivíduos, protagonistas que transitam entre os mundos culturalmente diferenciados. As lógicas de intersecção e contextualidade são denominadas por Velho como *campos de possibilidades*.²⁶

As culturas populares não estão isoladas, mas em constante relação com o restante da sociedade, entretanto “guardam não só tradições próprias como têm formas particulares de se apropriar e interpretar outros níveis e dimensões culturais da sociedade abrangente”.²⁷

Isso nos remete ao conceito de hibridação proposto por Canclini como: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam

²⁴ VELHO, Gilberto. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina. *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p.20.

²⁵ CORDEIRO, Graça Índias e COSTA, António Firmino da. Bairros: contexto e intersecção. In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

²⁶ *Ibidem*, 1999.

²⁷ VELHO, 2001, *op.cit.*, p. 22.

de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.²⁸ Esses acontecem em situações históricas e sociais particulares, em geral, aliados às condições de produção e consumo que funcionam de forma coercitiva na vida dos indivíduos. Consiste, então, em um conceito mais abrangente que os termos mestiçagem, sincretismo e criouliização, pois estes se referem a processos tradicionais ou à sobrevivência de hábitos e costumes e modos de pensar anteriores ou do início da cultura moderna.

Os processos de hibridação são interseções que possibilitam a *interculturalidade*, ao atuar de forma democrática com as diferenças, e, em alguns casos, acontecem de forma não planejada como resultado de fluxos migratórios, turísticos, intercâmbio econômico ou comunicacional, podendo surgir como resultado da criatividade individual e coletiva, como modo de *reconverter* um bem, material ou simbólico, de forma a reinseri-lo em uma nova situação quanto às condições de produção e de mercado. Essa estratégia também pode ser vista nos setores populares, e a favela Rio das Pedras revela-se como um contexto social importante, pois sua população é predominantemente composta por migrantes nordestinos, que, para esta pesquisa, servirão como elementos empíricos para problematizarmos essas estratégias, fundamentando-nos nas reconversões e apropriações feitas por seus moradores. Não devemos esquecer, no entanto, que, para pensarmos a hibridação de forma isenta e sem ingenuidade, devemos considerar que ela tem limitações, já que existem aspectos que não querem ou não podem ser hibridados.

Os contatos culturais entre os moradores da “favela” e do “asfalto”, em geral, se dão quando os primeiros convivem no universo dos segundos. São as empregadas domésticas, os funcionários subalternos que trabalham nas residências da classe média ou em empresas e que mantêm contato com a cidade formal.

No entorno da favela Rio das Pedras, existem três condomínios de casas, apartamentos e um clube com residências. Seus moradores, de classe média, transitam diariamente pela favela, já que utilizam seu comércio e seus serviços. Nesse caso, o contato se dá no sentido inverso, e a transformação das pessoas pode acontecer em decorrência do contínuo processo de convivência em que, aos poucos, vão modificando seus olhares, em certos casos, impregnados de preconceitos e estigmas, que o desconhecimento gera.

²⁸ CANCLINI, 2006, *op. cit.* p. XIX.

As camadas populares, são situadas historicamente como excluídas do mercado de bens simbólicos, considerados legítimos, comumente associados ao pré-moderno. Esses indivíduos atuam, no aspecto da produção, como artesãos que desenvolvem suas atividades em “ilhas pré-industriais” e, na recepção, como destinatários e espectadores.²⁹

Em países industrializados, o progresso econômico não eliminou essas forças produtivas, inclusive, em regiões de maior instabilidade, onde elas desempenham importante papel, o que nos leva a crer que essas misturas de meios e métodos de produção podem ser consideradas como hibridações, pois, se não há culturas que possam ser consideradas puras, nem as eruditas nem as populares, já que não existem grupos culturais fixos e estáveis, podemos considerar que os objetos produzidos como resultado da cultura material, sejam eles frutos da atividade de designers ou não, também não são puros. Nesse sentido, a hibridação pode se dar pela apropriação e reconversão de elementos estéticos mediante os contatos entre as diferentes culturas, mas também pode estar presente, de maneira mais difusa, nos meios e métodos de produção que foram empregados na concepção e desenvolvimento dos produtos pseudoindustrializados.

Canclini contrasta dois aspectos importantes sobre o questionamento quanto ao significado de estar entrando ou saindo da modernidade, ou seja, [...] “*as tensões entre desterritorialização e reterritorialização*”, considerados por ele como os mais radicais. Identifica-os como “*a perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas*”.³⁰

Para tanto, um dos aspectos que ele analisa são as migrações multidirecionais, como um dos fatores que relativizam a polarização das análises interculturais, como um esquema unidirecional de dominação efetuada pelos países centrais sobre os países periféricos. Utiliza como exemplo representativo o estudo antropológico de Roger Rouse sobre migrantes de um município rural mexicano para os Estados Unidos e o modo como eles mantêm vínculos tão intensos com os que ali permanecem a ponto de parecer que não existem comunidades separadas, e sim uma única comunidade dispersa em uma variedade de lugares.

²⁹ CANCLINI, 2006, *op. cit.*, p.205.

³⁰ *Ibidem*, p. 309.

A nossa pesquisa não trata da dominação efetuada pelos países centrais, mas esse exemplo de desterritorialização é muito semelhante ao que ocorre na favela Rio das Pedras, onde os seus moradores mantêm vínculos estreitos com as suas cidades de origem.

Com base nas hibridações apontadas por Canclini, conclui-se que todas as culturas são de fronteira e não possuem mais uma relação direta com o seu território, contudo seus aspectos comunicacionais são salientados, como também o fato de não sermos cultos por conhecer o repertório das “grandes obras”³¹ ou populares por dominar as mensagens e os sentidos dos objetos de uma comunidade específica.

Na teoria social, a noção convencional de comunidade e a oposição centro e periferia, são, atualmente, derrubadas em virtude dos cruzamentos econômicos. A primeira refere-se a populações rurais ou isoladas ou serve para expressar a coesão de um determinado grupo em relação a um território específico. A segunda também parte de uma noção abstrata e se expressa em uma figura concêntrica, ou seja, quanto mais ao centro, maior a riqueza e o poder. Canclini³² propõe uma nova cartografia baseada nas noções de “circuito” e “fronteira”, já que as noções anteriores não são adequadas para entender as relações de poder atualmente.

Como pensar essas noções em Rio das Pedras? De que maneira seus moradores, que, na maioria dos casos, são migrantes de diferentes estados nordestinos, que vêm para o Rio de Janeiro em busca de trabalho, elaboram sua relação com a cultura local e com os avanços tecnológicos existentes na cidade grande, aliando-os à sua “cultura original”?

As cidades contemporâneas nos induzem a participar de maneira descontínua de grupos cultos e populares. Dessa forma, o mais importante a valorizar é a capacidade de interação com a multiplicidade de ofertas simbólicas existentes. A fragmentação do espaço urbano, todavia, permite que uma parcela da população reduza seu contato com as camadas populares. Mesmo em uma cidade como Rio de Janeiro, que possui favelas em uma grande parte dos bairros, estas continuam muitas vezes apartadas do espaço urbano.

Outra questão relevante nesse universo diz respeito à necessidade de os moradores das favelas readaptarem-se constantemente às situações mais diversas,

³¹ CANCLINI, 2006, *op. cit.*, p.304.

³² *Ibidem*, p.314.

como a falta de infraestrutura básica, colocação profissional, saúde, entre outras. Aqui recorreremos a Harvey,³³ que afirma existir uma tensão histórica no capitalismo, entre centralização e descentralização, e considera que as regiões de maior agitação e fragmentação são as mais preparadas para sobreviver aos traumas da desvalorização, a longo prazo. As favelas, como lugares precários no aspecto material, possuem essas características e, talvez, por isso mesmo, estejam mais aptas às adaptações.

2.4.

Refinando o conceito de favela

De modo geral, o termo favela refere-se ao conjunto de habitações toscamente construídas, em geral, em morros e com poucos recursos higiênicos.³⁴ O Morro da Providência foi ocupado por soldados que combateram na campanha de Canudos e que ali se estabeleceram ao retornar para o Rio de Janeiro.

Valladares³⁵ aponta a influência do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, como constituinte do mito fundador do imaginário da representação social da favela e descreve as principais características presentes no povoado de Canudos, como a topografia, a ausência de propriedade privada, a ausência de domínio do Estado e das instituições públicas, bem como a manutenção do poder concentrada em um chefe, no caso específico *Antônio Conselheiro*, não sendo este reconhecido pelas instituições oficiais.

A gênese desse processo remete às descrições fornecidas por escritores e jornalistas no início do século XX, propiciando o desenvolvimento de um imaginário coletivo sobre este local. Segundo comentaristas da época, a mudança na denominação do Morro da Providência para Morro da Favella ocorreu devido a duas razões: a) a planta favella,³⁶ encontrada no Morro da Favella, situado no município de Monte Santo (BA) também existe no Morro da Providência, localizado

³³HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 267.

³⁴FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

³⁵VALLADARES, 2005, *op. cit.*, p.34.

³⁶FERREIRA, 1999, *op. cit.*, p.885. Espécie de arbusto grande e com flores alvas.

na região central do Rio de Janeiro, e b) a resistência dos combatentes durante a guerra de Canudos.

Enquanto a primeira explicação refere-se a uma semelhança, a segunda diz respeito a uma conotação simbólica, como o lugar da resistência e da luta contra o adversário poderoso e dominador.

A imagem matriz da favela já estava, portanto, construída e dada a partir do olhar arguto e curioso do jornalista/observador. ‘Um outro mundo’, muito mais próximo da roça, do sertão, ‘longe da cidade’, onde só se poderia chegar através da ‘ponte’ construída pelo repórter ou cronista, levando o leitor até o alto do morro que ele, membro da classe média ou da elite, não ousava subir. Universo exótico, em meio a uma pobreza originalmente concentrada no Centro da cidade, em cortiços e outras modalidades de habitações coletivas, prolongava-se agora, morro acima, ameaçando o restante da cidade. Estava descoberta a favela... e lançadas as bases necessárias para a sua transformação em problema.³⁷

Para Silva & Barbosa³⁸, a noção de ausência, ou seja, do “não ter rua”, lei, moral, saneamento, define a representação da favela, que faz parte da cidade há mais de um século, caracterizando o que ela tem de melhor e de pior em termos de vida urbana. “A favela não é um problema, nem uma solução”³⁹, só expressa a desigualdade que marca a vida em sociedade nas grandes cidades brasileiras.

Marcelo Burgos⁴⁰ define a noção de favela pelo conceito de escassez. A *cidade escassa*⁴¹, como a ela se refere, dá o sentido da ausência de endereço, e o preço que se paga por habitar é o da liberdade cívica. A favela não se caracteriza somente por ser um aglomerado habitacional, ela possui mecanismos de controle social que contribuem para manter seus indivíduos afastados da pólis. Isso não significa, porém, que seus moradores, antropologicamente, constituam uma “tribo” à parte, com uma cultura própria, e é um equívoco pensar a favela sob o prisma da exclusão social, já que seus moradores estão integrados à cidade formal, pois nela trabalham, estudam e votam; contudo, existe uma fronteira que ressalta a alteridade entre a favela e o asfalto, e suas particularidades ficam mais nítidas no território, e não no indivíduo.

³⁷ VALLADARES, 2005, *op. cit.*, p. 36.

³⁸ SILVA, Jailson de Souza e; & BARBOSA, Jorge Luiz. *Favela: alegria e dor na cidade*. Rio de Janeiro: SENAC, 2005, p. 24.

³⁹ *Ibidem*, p. 91.

⁴⁰ BURGOS, Marcelo Baumann. *A utopia da comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca*. Rio de Janeiro: PUC - Rio, 2002, p. 21.

⁴¹ Marcelo Burgos cita em nota que o conceito de ‘cidade escassa’ é da autora Maria Alice Rezende de Carvalho e foi desenvolvido em “Violência no Rio de Janeiro: uma reflexão política” (Pereira, C.A. Messeder *et al.* Linguagens da Violência. Rio de Janeiro: Rocco, 2000).

Há mais de um século, diferentes significados são atribuídos a esse espaço, caracterizado pela imprecisão e pela ausência de projeto. Embora Burgos afirme que a noção de comunidade não é a mais adequada para representar a favela, este termo é utilizado de forma recorrente por moradores, mídia e políticos. Isso nos remete a uma questão apontada por Itamar Silva, coordenador do IBASE⁴² e líder comunitário no Rio de Janeiro, que, em palestra proferida durante seminário *Os futuros possíveis das favelas e da cidade do Rio de Janeiro*, realizado em 2003, afirmou existir uma briga de significados envolvendo o termo favela, tendo ressaltado que qualquer nova denominação para, por exemplo, elevá-la ao *status* de bairro, não modificaria sua relação com a cidade, ou seja, um lugar ocupado e construído segundo bases fincadas pelo povo.

A favela, por vezes, era percebida como o lugar da cultura popular genuína. Em outras formas de representação, sua imagem era associada ao lugar do povo indolente ou amoral. Sua história é parte importante da história da modernização conservadora brasileira, pois, a partir dela, os segmentos subalternos da sociedade tiveram acesso aos bens públicos como água e luz. Além disso, negociaram direitos sociais como saúde e educação.

Nesse sentido, consideramos que as favelas revelam-se como um universo rico para refletirmos sobre a oposição antigo *versus* moderno, pois a modernização, como sinônimo de progresso material, revela-se frágil nesses contextos, já que consistem em espaços onde elementos de infraestrutura, como saneamento básico, ainda não fazem parte do cotidiano dos indivíduos, embora não se possa dizer que seus moradores estejam totalmente excluídos das novas tecnologias, como o acesso à internet e o uso disseminado do telefone celular.

Nós nos apoiamos em considerações de Canclini sobre as contradições latino-americanas, baseadas em um artigo escrito por Perry Anderson, no qual é reiterada nossa forma de ver a modernidade como um “eco tardio e deficiente dos países centrais”⁴³. O primeiro defende a inteligência do debate promovido pelo segundo, ao salientar que as condições socioeconômicas desfavoráveis produziram grandes obras na arte e na literatura, revelando assim que “o modernismo cultural não expressa a modernização econômica”⁴⁴, e destaca, ainda, que os movimentos

42 Instituto Brasileiro de Análises Econômicas e Sociais.

43 ANDERSON, Perry. *Modernity and Revolution*, apud: CANCLINI. 2006, *op.cit.*, p. 71.

44 *Ibidem*, p. 72.

modernistas ocorreram, mesmo na Europa, onde não aconteciam modificações estruturais no processo de modernização.

O modernismo não é a expressão da modernização socioeconômica, mas o modo como as elites se encarregam da intersecção de diferentes temporalidades históricas e tratam de elaborar com elas um projeto global; quais são essas temporalidades na América Latina e que contradições seu cruzamento gera? ⁴⁵

As explicações históricas que remontam à colonização brasileira, assim como as comparações entre os indicadores educacionais na França no final do século XIX e os números encontrados no Brasil nos primeiros quarenta anos do século XX nos permitem considerar que a modernização ocorreu “com expansão restrita do mercado, democratização para minorias, renovação das ideias, mas com baixa eficácia nos processos sociais”. ⁴⁶

O *Observatório de Favelas*⁴⁷ argumenta que a definição de favela não deve ser estabelecida com base no que ela não possui em relação ao modelo da cidade formal, mas entendida e reconhecida em suas especificidades sociais e territoriais.

Podemos apontar como principais características: a) a falta de investimentos pelo Estado e pela economia formal; b) a visão estigmatizada dos moradores de outras regiões da cidade; c) a informalidade e o subemprego; d) índices educacionais e econômicos abaixo da média em relação ao conjunto da cidade; e) a densidade demográfica superior à média da cidade, com predominância de negros; f) a predominância das construções para fins de moradia, porém sem os parâmetros definidos pelo Estado, revelando que, nesses espaços, sua soberania é inferior à media do restante da cidade; e g) a valorização dos espaços comuns como lugar de encontro das pessoas que estabelecem intensas relações de vizinhança.

2.4.1.

Favela Rio das Pedras – histórico e especificidades

Buscando aprofundar e entender algumas questões específicas e particulares da favela Rio das Pedras, nós nos baseamos, inicialmente, no livro organizado por

⁴⁵ ANDERSON, Perry, *apud*: CANCLINI, 2006 *op.cit*, p.73.

⁴⁶ CANCLINI, 2006, *op. cit.* p. 69.

⁴⁷ SILVA, Jailson de Souza (org.). *O que é favela, afinal?* Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009, p.21-23. Disponível em: <www.observatoriodefavelas.org.br>. Acesso em: 04 ago. 2011.

Burgos, fundamentado em pesquisa de campo realizada neste local.

O *survey*,⁴⁸ iniciado no ano de 2000 e coordenado pelo professor Antonio Carlos Alckmin, do *Departamento de Sociologia e Política* da PUC-Rio, serviu como base para a realização da pesquisa qualitativa, iniciada em 2001.

Entre os fatores que justificaram a escolha desta favela, Burgos refere-se à população de cerca de 40 mil habitantes, segundo o Censo de 2000, e ao fato de não haver tráfico de drogas neste local. Como esta favela não possui uma das características mais marcantes da vida em comunidades de baixa renda, a realização da pesquisa e o trânsito dos pesquisadores foram facilitados.

Localizada no bairro de Jacarepaguá, próxima à Barra da Tijuca, tem o Maciço da Tijuca como paisagem de fundo e a Lagoa de Jacarepaguá como um dos seus limites. Favela tipicamente horizontal, espraia-se em direção à lagoa e sobe a encosta do morro, apenas na subárea denominada Pinheiro.

Ocupada majoritariamente por nordestinos, a partir dos anos 1960, teve sua migração mais acentuada nos últimos vinte anos, e possui, atualmente, uma população superior a mais da metade das cidades brasileiras. Seu crescimento ocorreu, em parte, em virtude da expansão imobiliária

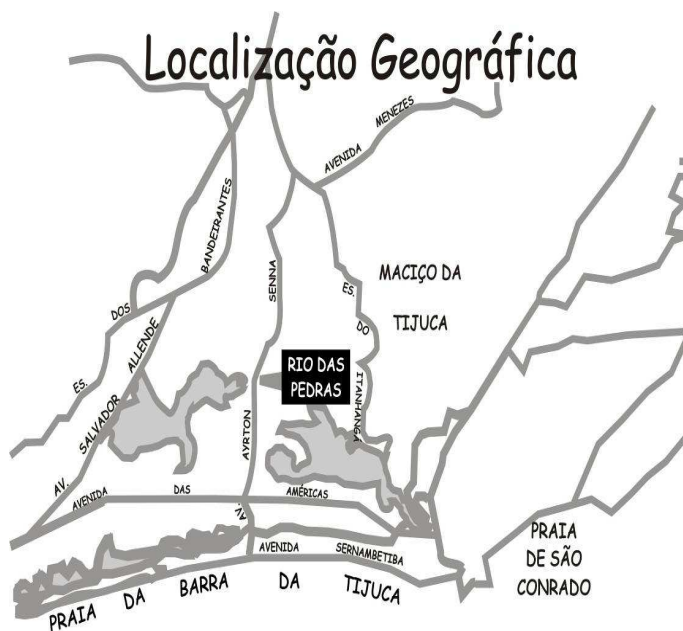


Figura 1 – Planta de localização – Fonte: Burgos, 2002.

dessa região e da crescente demanda por mão de obra, principalmente para trabalhar na construção civil.

Por não haver no local a tensão decorrente do tráfico de drogas, seus moradores têm apego a este lugar e criam dele a imagem de um oásis em meio ao caos e à barbárie, entretanto outros mecanismos de controle sociais são responsáveis por mantê-los afastado da pólis. “A favela protege o pobre do abismo da miséria

⁴⁸ Tipo de pesquisa semelhante ao Censo. O *survey* examina uma amostra de determinada população.

completa, ao mesmo tempo em que o mantém refém de um sistema perverso que o exclui da pólis”.⁴⁹ Existe, em Rio das Pedras, uma hierarquia dos espaços expressada pela relação geográfica que suas áreas têm com o centro de poder, representado pela Associação de Moradores, o que permite entender que o lugar físico tem relação com o lugar social e que existe mobilidade social dentro da própria favela. A Associação de Moradores de Rio das Pedras⁵⁰ foi criada em 1969 para garantir a permanência dos moradores no local. Após um período de esvaziamento, consolidou-se a partir de 1979, atendendo às necessidades de organização e ocupação do território. A sede, construída em 1998, marcou a chegada das novas lideranças ao poder. O projeto escolhido, dentro da noção cultural moderna e burguesa, revelou a recusa pela “estética da pobreza”.⁵¹ A ideia era aproximar, de forma mais autônoma e dinâmica, a favela e a cidade.

A AMARP é o elo que mantém as subáreas unidas. Exerce o papel da justiça, promove serviços assistenciais e atividades esportivas e culturais, além de se colocar como mediadora direta entre o poder público e a comunidade.



Figura 2 - Sede da AMARP

Em Rio das Pedras, são muitos os serviços públicos oferecidos, porém existe a percepção de que o poder público está ausente, o que reforça a impressão de que alguns benefícios são concedidos aos seus moradores como um favor feito pela AMARP. Essa se posiciona como autoridade que requer respeito e apoio financeiro, oferecendo, em troca, controle social e regulação de mercado.

Burgos⁵² salienta que a percepção da associação pelos moradores como centralizadora da autoridade e com forte poder coercitivo se deve, em parte, pela atuação de um grupo de “cangaceiros”⁵³, que desde o final dos anos 1970 até meados dos anos 1990, praticava atos violentos de forma arbitrária, justificados pela

⁴⁹ BURGOS, 2002, *op. cit.* p. 25.

⁵⁰ AMARP

⁵¹ BURGOS, 2002, *op. cit.* p. 76.

⁵² *Ibidem*, p.62.

⁵³ Denominação empregada para caracterizar bandos de justiceiros no Nordeste, tendo Lampião como maior expoente.

necessidade de perseguir e coibir o uso e o tráfico de drogas. A coincidência cronológica na transição do poder entre esse grupo e as novas lideranças reforçou essa imagem na comunidade.



Figura 3 - Foto aérea com vista da lagoa ao fundo - Fonte: <www.almacarioca.com>

A figura 3 apresenta vista aérea da favela, mas é importante frisar que já houve expansão das áreas ocupadas e aumento da densidade demográfica. Os telhados de barro que estão no canto inferior direito da imagem, inicialmente casas construídas para os desabrigados das enchentes, já se transformaram em edifícios de até quatro andares. No centro da imagem, onde observamos vegetação, foram construídos blocos de apartamentos para remanejar moradores das áreas centrais da favela, enquanto a parte assinalada à esquerda da imagem refere-se a um terreno de propriedade da Caixa Econômica Federal, onde está prevista a construção de novas unidades habitacionais para reassentar moradores que vivem em área de solo instável na localidade do Areal, às margens do Rio das Pedras, e, de acordo com a Secretaria Municipal de Habitação da Prefeitura do Rio de Janeiro, fazem parte do programa Morar Carioca, cujo objetivo é construir bairros populares com infraestrutura de lazer, creches e ciclovia.

2.4.2.

A construção do território

Rio das Pedras divide-se em seis subáreas, e a pesquisa de Burgos⁵⁴ apresenta esta divisão em plantas, que estão inseridas neste trabalho, facilitando a visualização e compreensão do texto.

Subárea 1 – Rio das Pedras - área densamente ocupada com padrão típico de becos, vielas e labirintos. Sua primeira rua, chamada Rua Velha, situada às margens do Rio das Pedras, indica onde se deu o início desta ocupação. Nela está situada a AMARP. A ocupação deste núcleo se consolidou em 1969 com a desapropriação do terreno durante o governo de Negrão de Lima, no então Estado da Guanabara.⁵⁵

Subárea 2 – Vila dos Caranguejos - Localizada nas margens da Avenida Engenheiro Souza Filho, foi a primeira invasão planejada, ocorrida em 1983, durante o primeiro governo de Leonel Brizola, e comandada pela associação de moradores.

Subárea 3 – Areal 1 - Em 1988, a associação conquistou-a mediante negociações com o governo estadual, ocupando-a no ano seguinte. O governo adiou o projeto que consistia na construção de um conjunto habitacional, e a associação dividiu a área, tomando o cuidado de respeitar o tamanho dos lotes e o arreamento proposto pela prefeitura.

Subárea 4 – Areal II - Foi conquistada com as subáreas Areinha e Pinheiros, durante negociações com o poder público, no início dos anos 1990, quando moradores invadiram prédios em construção que pertenciam ao grupo Delfim. Esse grupo empresarial atuava em diversos setores, como mercado financeiro e construção civil, e construía um condomínio de edifícios voltados para a classe média, em terreno vizinho ao doado para a associação. Na ocasião, o grupo reivindicou a posse da área que havia sido incluída na doação, colocando placas e, posteriormente, cercando toda a área, motivando, assim, a invasão dos prédios. Atualmente, os prédios estão abandonados, pois foram penhorados pela Caixa Econômica Federal, além de terem afundado alguns metros, devido à acomodação

⁵⁴ BURGOS, 2002, *op. cit.*, p.35-45.

⁵⁵ O Estado da Guanabara, capital do país até 1960, era a atual cidade do Rio de Janeiro. Em 1975, houve a fusão da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro.

do terreno, em função do solo de turfa, espécie de matéria esponjosa constituída de restos vegetais, que se forma dentro d'água, em terrenos pantanosos. No acordo feito entre o poder público e a comunidade pela desocupação dos prédios, ficou acertado que a prefeitura faria um conjunto habitacional. Entretanto, mais uma vez o combinado não foi cumprido. Diante dessa perspectiva, os moradores começaram a dividir seus lotes e revendê-los, fazendo com que Areal II se tornasse uma área com alta densidade demográfica e extremamente insalubre.

Subárea 5 – Areinha - Sua ocupação foi organizada pela AMARP a partir de 1991. Vale salientar que algumas lideranças da associação haviam aprendido a organizar e dividir os terrenos durante a ocupação do Areal I, fazendo com que ambas tivessem o padrão urbano de um bairro da cidade formal. Na ponta dos areais, surgiram ocupações às margens da Lagoa da Tijuca, em área de solo movediço e inundado pelas cheias da maré. Conhecida como *Pantanal*, é lá que se situa a “favela da favela”, como os próprios moradores denominam.

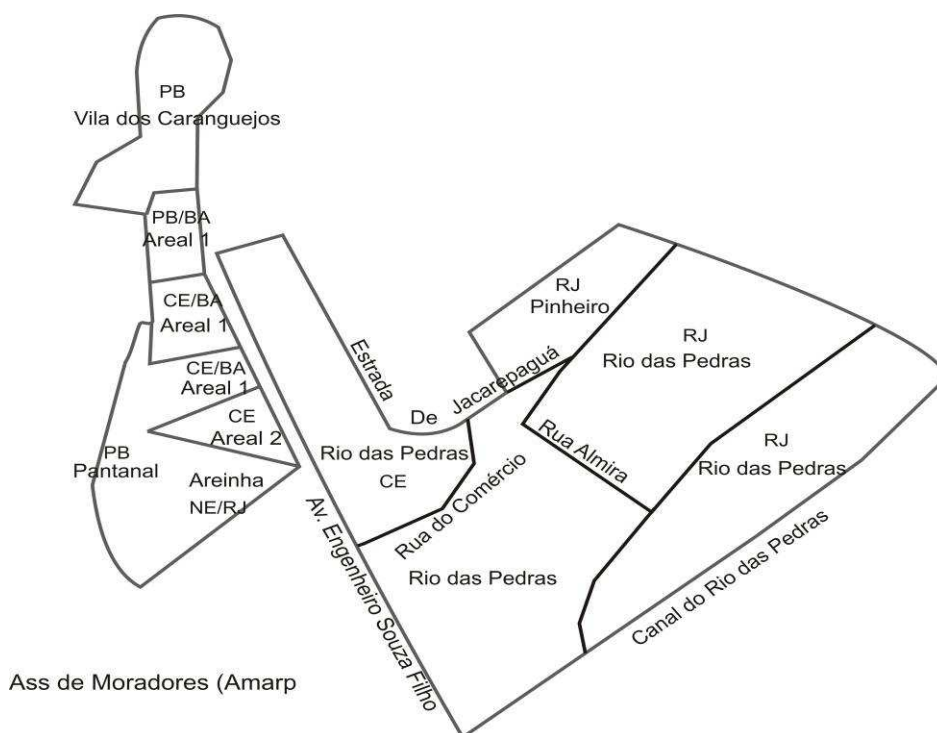


Figura 4 - Planta de ocupação das subáreas. Fonte: Burgos, 2002.

Subárea 6 – Pinheiro - Área localizada junto à encosta do Maciço da Tijuca, desapropriada pelo governo estadual durante o segundo governo de Leonel Brizola, cuja ocupação a AMARP novamente comandou, determinando o tamanho dos lotes, a quem eles pertenceriam e fixando prazos para o início da

construção. O programa Favela-Bairro atua nesta área não só fazendo contenção de encostas e drenagem da água das chuvas, mas também construindo blocos de apartamentos para indenizar moradores transferidos da área central.

A construção desse território demonstra que, pela falta de planejamento, foi o poder público que a patrocinou, e como cita Burgos “nessa estranha lógica”⁵⁶, a favela não surge da falta de política habitacional, mas em decorrência de uma política habitacional deliberada.

Ao coordenar essa ocupação, a AMARP propiciou a expansão de seu núcleo inicial, impediu que outros grupos ocupassem os terrenos vazios e favoreceu a construção de uma identidade territorial com base na cultura nordestina, comum à maioria de seus moradores.



Figura 5 - Placa de boas-vindas localizada na entrada da favela



Figura 6 - Vista da localização da placa na Avenida Engenheiro Souza Filho

2.4.3.

O contexto sociocultural

Na favela Rio das Pedras, como em outras grandes favelas, existe um comércio intenso e diversificado, tendo em grande parte negócios tipicamente familiares, que empregam até três funcionários. Por ser um mercado extremamente aberto, empresários de fora da favela são atraídos pela mão



Figura 7 - Feira de roupas na praça ao lado da associação de moradores

⁵⁶ BURGOS, 2002, *op.cit.*, p.45.

de obra barata, baixo custo dos aluguéis e não tributação de alguns impostos e encargos públicos, já que a maioria dos negócios é informal.

Observa-se, também, que os consumidores da favela estão cada vez mais exigentes, o que alimenta o processo de especialização dos produtos e serviços oferecidos, além da inclusão da subárea Rio das Pedras, considerada o centro comercial, onde negócios extremamente diferenciados, como lojas de material de construção, roupas, bares, restaurantes, mercadinhos, farmácias, lanchonetes, serralherias, vidraçarias, cabeleireiros, além de consultórios médicos, odontológicos, escritórios de advocacia, rádios comunitárias, cooperativas de transporte alternativo, creches e casas de *shows*, entre outros, revelam que a riqueza produzida em Rio das Pedras é relevante, e o empreendedorismo, uma característica marcante. Porém, é importante considerar em que medida essa riqueza favorece a democratização de seu território e a consequente emancipação econômica de seus indivíduos.



Figura 8 - Vitrine de loja situada na Estrada de Jacarepaguá



Figura 9 - Letreiro de uma galeria comercial situada na Estrada de Jacarepaguá



Figura 10 - Comerciante com loja há mais de 10 anos no local



Figura 11- Loja na Rua Nova – área central do Rio das Pedras



Figura 12 - Loja de lingerie e moda em frente à Praça da AMARP



Figura 13 - Letreiro de revendedor de "marcas"

O Castelo das Pedras, casa de *shows* onde acontece um famoso baile *funk*, é frequentado, também, pela classe média, vinda de regiões como a Zona Sul e Barra da Tijuca. Ali convivem os dois mundos: "favela" e "asfalto". O movimento do lado de fora do baile é grande, pois muitas pessoas se divertem na rua, bebendo, conversando e ouvindo a música que é tocada lá dentro.



Figura 14 - Letreiro da casa de shows



Figura 15 - Nova fachada da "chopperia" agora pintada de vermelho

O movimento também é intenso, tanto de dia quanto à noite, na Avenida Engenheiro Souza Filho, onde os bares espalham mesas e cadeiras na rua, tocam forró e servem comidas nordestinas, como sarapatel e carne de sol, revelando a força dessa cultura na favela Rio das Pedras; contudo, o fato de haver proximidade física de grupos sociais não equivale a dizer que possuam a mesma cultura. Conforme já observamos, nem sempre há hibridações culturais.

A população de Rio das Pedras é composta, predominantemente, por nordestinos, cerca de 50%, originários principalmente da Paraíba, do Ceará e da Bahia.

A construção da identidade social é feita de forma relacional e fundamenta-

da nos contrastes e na negação do outro, sendo a relação entre a identidade cultural carioca e a nordestina destacada em entrevistas realizadas pelos pesquisadores com professoras de escolas públicas da favela e justificada pela posição de observadoras privilegiadas⁵⁷ do contato cultural entre os diferentes grupos de alunos, em um espaço de sociabilidade. Seus depoimentos “refletem, em parte, *habitus* e valores culturais da comunidade na qual trabalham”⁵⁸

A identidade nordestina se reflete na rigidez de princípios, na valorização da família, na estima pelo trabalho e pela educação, como veículos de ascensão social. Indivíduos procedentes de diferentes estados da região nordeste “[...] constroem uma identidade que não é natural, nem essencial, como enfim eles se nordestinizam, ao mesmo tempo em que são nordestinizados, instalando-se uma dicotomia binária que opõe Nordeste e Sudeste.”⁵⁹



Figura 16 - Casa Nordestina- vende produtos típicos



Figura 17 - Casa de forró na Avenida Engenheiro Souza Filho

A citação permite observar como o migrante constrói sua identidade cultural em confronto com a realidade carioca. No âmbito escolar, por exemplo, a pesquisa empírica pôde concluir, fundamentando-se na visão estereotipada das professoras sobre os dois grupos, que as características positivas, de fundo moral, são atribuídas ao nordestino, e as negativas, de abandono desses princípios, ao carioca.

O ritmo e a riqueza de sua vida social têm a inconfundível marca nordestina. Lojas com produtos nordestinos e agências de viagens que vendem passagens ro-

⁵⁷ PATROCÍNIO, P., ARAÚJO, E. e SILVA, F. O olhar do mestre: representações de identidades nas escolas públicas de Rio das Pedras. In: BURGOS, M. (org.) *A Utopia da comunidade*, 2002, Rio de Janeiro, PUC - Rio, p. 167.

⁵⁸ BURGOS, 2002, *op.cit.*, p. 168.

⁵⁹ RAGO, Margareth. “Prefácio: Sonhos de Brasil”, In: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999, p.16, *apud*: BURGOS (org.), 2002, *op.cit.*, p. 173.

doviárias “Rio das Pedras - Nordeste” também têm uma forte presença neste cenário.

A favela revela, através de seus moradores, uma condição social desprovida de signos de poder econômico e pertencimento; entretanto, é neste espaço que se produz o que há de mais original na cultura carioca, como o samba, a escola de samba, o pagode e o *funk*. A valorização desse intercâmbio entre a favela e o asfalto faz com que exista um processo de assimilação e compreensão do que é produzido nas favelas e a respeito delas.

Algumas práticas presentes no cotidiano da favela Rio das Pedras nos lembram uma cidade do interior ou nos remetem a um deslocamento para o passado. Como exemplo, temos imagens de parques de diversão itinerantes, como podemos observar nas figuras 18 e 19.

O comércio de moda e beleza está em constante renovação. Ao mesmo tempo em que algumas lojas ou salões de cabeleireiros fecham suas portas, novos negócios surgem com vitrines diferenciadas e demonstram haver, na maioria das vezes, uma maior preocupação com os



Figura 20 - Marca de roupas com filiais em outros bairros



Figura 18 - Parque de diversão itinerante



Figura 19 - Parque de diversão itinerante

aspectos visuais das lojas. Em alguns casos, observamos que essas lojas possuem filiais em outros bairros da cidade. Nas diversas subáreas existem estabelecimentos comerciais diversificados, no entanto é na região central, no núcleo inicial da favela e na Avenida Engenheiro Souza Filho que eles predominam.

Quase um quinto da população carioca vive nessas construções populares que, na maioria dos casos, estão situadas nas encostas dos morros da cidade, tornando-se visualmente perceptíveis.

O crescimento das favelas na cidade se dá de forma desordenada, semelhante ao crescimento do mato nos terrenos baldios. Elas brotam nos espaços vazios, ou em lugares onde é muito difícil construir, e estabelecem elos sutis e penetrantes com a cidade formal, por meio das relações individuais de seus moradores.



Figura 21 - Vitrine com composições utilizando acessórios

São inúmeros os exemplos de letreiros e fachadas de lojas que buscam elementos no campo institucionalizado como forma de inspiração para nomear seus negócios. O termo design que, até pouco tempo, era utilizado no âmbito “culto”, atualmente já está popularizado, sendo utilizado para caracterizar negócios diversificados. Da mesma maneira, elementos presentes no campo institucional da moda são apropriados, reinterpretados e utilizados no espaço da favela.



Figura 22 - Serralheria localizada na subárea Pinheiro



Figura 23 - Loja de bijuterias empregando o termo design



Figura 24 - Letreiro de loja



Figura 25 - Loja aceita diversos cartões de crédito



Figura 26- Loja de bijuterias e ouro - produtos com cristais Swarovski, pedras brasileiras, aço e ouro 18 k.



Figura 27 - Vitrine da loja Tenda das Marcas



Figura 28- Loja Sem Querer Fashion



Figura 29 - Vitrine da Loja Penelop que possui site na internet



Figura 30 - Visão do interior da loja apresentado no site



Figura 31 - Loja feminina na Av. Engenheiro Souza Filho



Figura 32 - Ponta de estoque de marca popular que possui 13 lojas no RJ, sendo várias em shopping centers